



A Gigantomaquia Latina (c.m. LII) de Cláudio Claudiano – uma tradução

Claudian's Latin Gigantomachy (c.m. LII) – a translation

Robson Rodrigues Claudino

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco / Brasil

robbiehashi@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8951-6465>

Resumo: O presente trabalho apresenta uma tradução inédita em versos livres do poema *Gigantomaquia Latina*, de Cláudio Claudiano. O texto, cuja data de composição ainda é desconhecida pelos estudiosos, está localizado no grupo dos poemas menores de Claudiano. Tendo como tema a batalha entre deuses e gigantes ocasionada pela inveja que a Terra sentia dos deuses superiores, o poema, composto em hexâmetros, chegou incompleto aos nossos dias, dispondo de 128 versos. Este trabalho contém, além da tradução do texto original e notas, uma apresentação sobre o autor e considerações a respeito do texto que será abordado.

Palavras-chave: Gigantomaquia Latina; Claudiano; tradução.

Abstract: The present paper presents an unpublished translation in free verse of the poem *Latin Gigantomachy*, by Claudius Claudian. The text, whose date of composition is still unknown by scholars, is located in the group of Claudian's minor poems. Having as theme the battle between gods and giants caused by the envy the Earth felt towards the superior gods, the poem, composed in hexameters, arrived incomplete to our days, having only 128 verses. This work contains, besides the translation with notes accompanied by the original text, a presentation of the author and considerations regarding the text that will be translated.

Keywords: Latin Gigantomachy, Claudian, translation.

1. Claudiano: Vida e obra do poeta e propagandista Alexandrino em Roma

Não se sabe muito a respeito de Cláudio Claudiano. Uma das fontes contemporâneas que o citam é S. Agostinho, porém pouco nos é dito: apenas que ele foi poeta e pagão, conforme aponta Cameron (1970, p. 1, *apud* BEJARANO, 1993, p. 14). Sabe-se, também, que chegou a Roma pouco menos de um ano antes da morte do imperador Teodósio I¹ e pôde presenciar todo o momento um tanto conturbado pelo qual Roma passou depois dessa fatalidade.

Algumas pistas sobre quem teria sido Claudiano nos são dadas: uma estátua erguida em sua honra no fórum de Trajano, entre 400 e 402, informa que ele subiu ao posto de tribuno e, decerto, foi alguém notório no serviço imperial:

[Cl.] Claudiani v. c. | [Cla]udio Claudiano v. c., tri|[bu]no et notario, inter ceteras | [de]centes artes prae[g]loriosissimo | [po]jetarum, licet ad memoriam sem|piternam carmina ab eodem | scripta sufficiant, adtamen | testimonii gratia ob iudicii sui | [f]idem, dd. nn. Arcadius et Honorius | [f]ejlicissimi et doctissimi | imperatores senatu petente | statuam in foro divi Traiani | erigi collocarique iusserunt.²

¹ (Coca, Espanha, 347 – Milão, 17 de Janeiro de 395) Filho do general Teodósio, foi o imperador do Oriente entre 378 e 395. Também conhecido como Teodósio, o Grande, o imperador acompanhou de perto a trajetória do pai, que o ensinou a arte da guerra. Durante a vida do general, ele adquiriu uma considerável reputação militar e foi proclamado imperador do Oriente por Graciano logo após a morte de Valente, em 378, no confronto contra os Godos (BUNSON, 2002, p. 533, tradução nossa).

² “A Cláudio Claudiano, varão ilustríssimo (filho de Cláudio Claudiano, homem ilustríssimo), tribuno e notório, mestre das belas artes, mas acima de tudo, o mais famoso dos poetas; embora seus próprios poemas sejam suficientes para assegurar sua imortalidade, no entanto, em memória de sua lealdade e discrição, nossos mais afortunados e sábios imperadores Arcádio e Honório, a pedido do senado, ordenaram eu esta estátua fosse erguida e colocada no Foro do divino Trajano.” (CLAUDIANO. 1993, p. 15, tradução nossa).

Outra seria uma história escrita por um retórico de Sárdis³ chamado Eunápio⁴ e continuada por um poeta e diplomata da Tebas egípcia, Olimpíodoro⁵, que detalha o período em que Claudiano viveu e esteve em exercício de sua atividade poética.

Embora sua data de nascimento seja desconhecida, ao que tudo indica, ele parecia ser bastante jovem quando chegou a Roma, em 394, não sendo muito mais velho que Olíbrio, cônsul que tinha em torno de 20 anos e que logo se tornaria seu amigo pessoal, ou seja, é provável que 370 seja a data de seu nascimento ou a mais próxima.

Quanto a sua origem, apesar de seu nome ser latino, Cláudio Claudiano nasceu em Alexandria, no Egito, como nos mostram dois epigramas⁶ escritos por ele, um destinado a certo Genádio (*Epistula ad Gennadium exproconsule*), e outro em que ele recorre a um alto oficial chamado Adriano (*Deprecatio ad Hadrianum*) como um colega egípcio, fazendo menção ao Rio Nilo em ambos os epigramas e, mais adiante, no mesmo poema, ele intitula Alexandre Magno de *conditor hic patriae* (“este fundador da pátria”), ou seja, Alexandria. Por ser um poeta alexandrino, sua língua nativa teria sido o grego, e sabe-se disso devido a alguns poemas escritos antes de sua ida a Roma e, em especial, de uma

³ Capital da monarquia Lídia, foi uma das mais antigas e também conhecidas cidades da Ásia Menor. Localizava-se na encosta do monte Tmolos, ao sul do vale do Hermo. Foi de extrema importância na Antiguidade por sua localização estratégica no mar Egeu, além de sua força militar e por estar situada num vale muito fértil. (SMITH, 1884, p. 775, tradução nossa).

⁴ Eunápio de Sárdis (346 – 414) foi um retórico e historiador. Oriundo de uma família pobre, se dedicou a estudar os oradores e historiadores de sua época. Eunápio nos apresenta duas obras: *Vitae Sophistarum* (A Vida dos Sofistas) e *Historia* (História), sendo essa a continuação dos escritos de Déxipo, um historiador grego. (SMITH, 1884, p. 296, tradução nossa).

⁵ (? – 425) Foi um historiador egípcio nascido em Tebas. Não há muita informação sobre quem teria sido; o pouco que nos chegou atesta que ele foi, além de historiador, um poeta e viajante que frequentou a corte de Teodósio II, a quem dedicou sua obra *Historia*, composta de 22 volumes que tratam do império Romano do Ocidente. (SMITH, 1884, p. 572, tradução nossa).

⁶ Gênero literário oriundo da Grécia formado de pequenas inscrições, tanto em prosa, quanto em verso, sobre temáticas variadas e que eram postas em monumentos e construções de diversos tipos, como túmulos, estátuas, medalhas e moedas, por exemplo, a fim de celebrar um acontecimento que se tornaria memorável. (CESILA, 2004, p. 392).

carta endereçada a Anício Probino⁷ em 395 (*Epistula ad Probinum*), mas teria aprendido latim como segunda língua.

Sua chegada a Roma tinha tudo para ser conturbada, devido ao comportamento dos romanos do final do quarto século. A plebe costumava ser hostil com os estrangeiros, e os altos aristocratas só lhes dirigiam a palavra quando julgavam necessário. Quando alguém era convidado para algum jantar, por exemplo, não era um homem letrado, mas alguém que estivesse disposto a conversar sobre as futilidades comuns aos homens nobres daquela época. Assim, a sorte de Claudiano foi completamente diferente do que se poderia esperar, considerando o contexto da sociedade romana daquela época.

Dentro de poucos meses, ele recebeu favores da mais ilustre das famílias senatoriais, os Anício, o que configura um fato curioso, pois seria esperado que ele, enquanto pagão, recorresse a uma das mais antigas famílias pagãs de Roma, os Símaco⁸ ou os Albino, mas em vez disso ele recorreu a uma família cristã e foi acolhido por ela, passando, assim, a conduzir a casa cristã em Roma. Entretanto a religião do poeta ainda é alvo de discussão até os dias de hoje. Cameron (1970, p. 189) pontua que para parte da crítica Claudiano era pagão e porta-voz da aristocracia pagã que ainda sobrevivia na Roma cristã. Em contrapartida, outros estudiosos supõem que ele fora cristão. Sobre isso, Claudino nos diz:

Gonzáles (2017, p. 486) sugere que, em uma sociedade predominantemente cristã, um pagão dificilmente seria acolhido por uma das mais importantes famílias da época, ascenderia à aristocracia romana e, mais tarde, tornar-se-ia propagandista oficial da corte ocidental do império. (CLAUDINO, 2020, p. 137).

Sobre sua carreira, deve-se levar em consideração o fato de que, por fazer parte de uma escola de poetas profissionais em Alexandria,

⁷ Flávio Anício Olíbrio (375 – 410) e Flávio Anício Probino (374 – 397), filhos de Sexto Petrônio Probo e Anícia Faltônia Proba, foram membros da família Anício e cônsules conjuntos em 395, tendo Olíbrio aproximadamente dezenove anos, e seu irmão, Probino, um ano mais novo, período que coincidiu com a chegada de Cláudio Claudiano a Roma. (SMITH, 1884, p. 571, tradução nossa).

⁸ Antiga família senatorial romana, cujo membro mais ilustre fora Quinto Aurélio Símaco. Influente no império tardio, sendo umas das poucas famílias pagãs a resistirem em uma Roma quase totalmente cristã. (SMITH, 1884, p. 845, tradução nossa).

Claudiano se dedicou ao estudo das técnicas dos muitos gêneros próprios da época: panegíricos⁹, invectivos¹⁰, epítáfios¹¹ e epitalâmios¹², o que era bem comum aos autores do final do século IV, que não escreviam por serem inspirados pelas Musas, mas pelo preparo dos gramáticos na escola, como aponta Claudino (2020, p. 136).

Sua atuação poética começa, de fato, quando ele recita, em solo italiano, sua primeira obra publicada em latim: um panegírico em honra de dois membros da casa cristã, Olíbrio e Probino¹³, cônsules conjuntos em 395, uma honra até então inédita. Claudiano logo torna-se amigo íntimo dos irmãos cônsules e passa a se denominar *sodalis* (“companheiro”, “amigo”, “o que acompanha”) do jovem Olíbrio. Foi ao fazer seu primeiro recital em solo romano que Claudiano se mostrou muito talentoso na arte de escrever panegíricos, e o que mais impressionava era o fato de que ele era um egípcio que escrevia latim melhor que muitos romanos nativos daquela época, o que o configura como o último dos grandes poetas de

⁹ Gênero literário de origem grega que consiste em louvar, em forma de verso ou prosa, um acontecimento memorável ou alguém importante. Por ser um gênero de função política, o panegírico tinha como função, além da laudatória, enfatizar valores sobre o objeto de louvor e, assim, persuadir quem o ouvia. Costumava ser recitado em lugares com grande circulação do público, e era, frequentemente, composto para figuras notáveis, como governantes, por exemplo, fosse para louvar algum feito perante o público, fosse para dar-lhes segurança antes do início de seu governo. (BUNSON, 2002, p. 409, tradução nossa).

¹⁰ Invectiva pode ser definida como uma forma de literatura que, tendo em conta os costumes e preconceitos éticos de uma determinada sociedade, se propõe publicamente a atacar um indivíduo nomeado. O alvo é atacado com base no nascimento, educação, ocupação, defeitos morais como avareza ou embriaguez, deficiências físicas, excentricidades de vestuário, má fortuna, etc. Estas mesmas categorias de abuso são encontradas independentemente da forma em que o invectivo é formulado. Pode ser um discurso senatorial ou forense, um poema iâmbico, um panfleto político, um poema de maldição, um epigrama, ou um ensaio completo. (WATSON, 2015, tradução nossa).

¹¹ Gênero poético nascido na Grécia antiga que consistia em escritos sobre sepulturas, lápides ou outro tipo de monumento e que tinha como função principal enaltecer o morto, prestar-lhe uma última homenagem, ou simplesmente deixar gravado um desejo proferido pelo falecido em vida. Por tradição, era escrito em versos elegíacos, mas, posteriormente, passou a ser encontrado também na prosa. (SÁ; OLIVEIRA, 2018, p. 430-444).

¹² Uma canção (ou discurso) proferida "na câmara nupcial (θάλαμος)". (KRUMMEN; RUSSELL, 2015, tradução nossa).

¹³ Flávio Anício Olíbrio (375 – 410) e Flávio Anício Probino (374 – 397), filhos de Sexto Petrônio Probo e Anícia Faltônia Proba, foram membros da família Anícia e cônsules conjuntos em 395, tendo Olíbrio aproximadamente dezanove anos, e seu irmão, Probino, dezoito. (SMITH, 1884, p. 571, tradução nossa).

Roma. O panegírico escrito em 395 louva os amigos e cônsules daquele ano e toda a sua linhagem ilustre, entretanto pouco é dito sobre Teodósio, tendo apenas sua vitória sobre Eugênio¹⁴ sido mencionada. Seu objetivo não era encher Teodósio de exacerbados elogios, muito menos glorificar o senado. Seus louvores eram direcionados apenas aos Anício, e sobre eles, ele afirmava não haver, em Roma, família igual.

Com a morte de Teodósio, em janeiro de 395, Honório¹⁵ passa a ser o imperador do Ocidente e isso fez com que Claudiano fosse convidado a recitar um panegírico em honra ao novo imperador. Seguindo tal fato, o alexandrino passa a fazer parte da corte em Milão, onde permanece de 395 a 400, e é lá que o poeta passa a ser o propagandista oficial da corte de Honório e Estilício¹⁶, sendo este último o real governante do Ocidente, mas de forma indireta, já que, por sua vez, ainda era guardião dos filhos de Teodósio, o Grande, o que o tornou a figura central da poesia de Claudiano.

Por volta de 400, Claudiano viaja para a África e lá se casa com uma moça que seria, provavelmente, filha de um dono de terras do Norte do continente, na Líbia. O poeta dá os créditos pela conquista do casamento à esposa de Estilício, Serena¹⁷, numa carta endereçada a ela

¹⁴ (? – 394) Imperador pagão do Ocidente que subiu ao poder após a morte do imperador Valentiano II e, por motivos religiosos, se opôs a Teodósio, o Grande. Eugênio teve um reinado notável por causa da tentativa de reorganizar e reavivar o paganismo no império tardio, utilizando o dinheiro público para financiamentos de projetos pagãos. Eugênio foi derrotado por Teodósio na Batalha do rio Frígido. (BUNSON, 2002, p. 201, tradução nossa).

¹⁵ Flávio Honório (383 – 423) foi um imperador do Ocidente, filho de Teodósio, o Grande, e Élia Flávia Flacila. Honório teve o império dividido com seu irmão, Arcádio, que ficou com a parte Oriental, dois anos após a morte do pai, e assumiu o reinado aos dez anos de idade. Em 395 o jovem governante se casa com Maria, filha de Estilício, que governa o Ocidente sob Honório. O imperador morre em 423. (BUNSON, 2002, p. 263-264, tradução nossa).

¹⁶ Flávio Estilício (? – 408), além de cônsul, foi mestre dos soldados do Império Romano do Ocidente, filho de uma cidadã romana com um oficial de cavalaria de origem vândala. Estilício foi general durante o confronto contra Eugênio e foi declarado mestre do exército por Teodósio, o Grande, logo após a vitória. Após a morte do imperador, Estilício se tornou guardião do jovem Honório e mais tarde se pronunciou como guardião dos irmãos imperadores, Honório e Arcádio. Em Agosto de 408 Estilício é executado. (BUNSON, 2002, p. 514, tradução nossa).

¹⁷ (? – 408) foi uma nobre do Império Romano do Ocidente, sobrinha de Teodósio, o Grande e esposa de Estilício. Com ele teve duas filhas: Maria e Emília Termância, ambas esposas de Honório, e um possível filho. Serena foi amiga próxima de Claudiano, a quem recomendou uma esposa. (BUNSON, 2002, p. 498, tradução nossa).

(*Epistula ad Serenam*), a quem ele tece inúmeros elogios. Já no verão de 402 Claudiano está de volta a Roma e lá recita o *De Bello Gothico* “Sobre a Guerra Gótica”, no templo dedicado a Apolo.

Aos 35 anos e no auge de sua carreira, morre Claudiano, por volta de 404, um ano antes do grande saque em Roma promovido por Alarico¹⁸.

A criação literária de Cláudio Claudiano não se limitou a temas políticos. O poeta e propagandista alexandrino teve a oportunidade de escrever sobre outros temas. Suas obras estão classificadas em duas coleções: os *Carmina maiora* e os *Carmina minora*, e outra classificação que os divide em quatro grupos. Os poemas maiores, ou *Carmina maiora*, compreendem:

1.1 Poemas históricos

Estão nesse grupo os panegíricos, os poemas invectivos e os poemas de épic, que incluem:

1.1. *Panegyricus dictus Probino et Olybrio consulibus*, “Panegírico recitado para os cônsules Probino e Olíbrio” – Declamado em Roma por volta de 395, ano em que os irmãos Olíbrio e Probino, membros da família que acolheu Claudiano ao chegar a Roma, os Anício, assumiram o consulado conjunto atribuído a eles por Teodósio;

1.2. *In Rufinum I, II*, “Contra Rufino I, II” – Composto de dois livros escritos e recitados em anos diferentes. Esse poema invectivo, escrito o livro I em 395 e o II em 396, louva a queda e o assassinato de Rufino¹⁹, sucessor de Teodósio e inimigo de Estilício;

1.3. *Panegyricus de tertio consulatu Honorii Augustii*, “Panegírico sobre o terceiro consulado de Honório Augusto” – Composto em 396

¹⁸ (395 – 410) Foi um rei do povo visigodo que se autoproclamou logo após a morte de Teodósio, o Grande, a quem serviu como líder de um grupo de soldados em batalhas. Alarico foi responsável por devastar algumas cidades da Grécia, poupando Atenas, e também pelo saque a Roma. Em 410 Alarico morre enquanto tentava tomar a Sicília. (BUNSON, 2002, p. 12, tradução nossa).

¹⁹ Flávio Rufino (? – 395), vindo da Gália Aquitânia, uma província romana, foi o poder à sombra do jovem imperador do Oriente, Arcádio. Era conhecido por ser devoto dos costumes cristãos e por sua inteligência. Após tornar-se notório na corte de Teodósio I, Rufino assume o posto de Mestre dos Ofícios em 388 e, posteriormente, torna-se cônsul, em 392. Ainda no mesmo ano é nomeado prefeito pretório e, a partir daí, passa a demonstrar os primeiros sinais de abuso de poder: elimina todos os possíveis rivais e, a partir do reinado de Arcádio, Eutrópio e Estilício também passam a ser vistos como inimigos políticos de Rufino. Em novembro de 395 ele é morto. (BUNSON, 2002, p. 259, tradução nossa).

e recitado em Milão no mesmo ano, em louvor ao terceiro consulado de Honório;

1.4. *Panegyricus de quarto consulatu Honorii Augusti*, “Panegírico sobre o quarto consulado de Honório Augusto” – O maior dos escritos por Claudiano até aquele momento, contendo 656 versos. Foi recitado em Milão em 398, em louvor ao quarto consulado de Honório. Nesse poema, Claudiano faz uma defesa à política adotada por Estilício, na qual foi proclamado tutor dos irmãos Arcádio²⁰ e Honório, governando, assim, de forma indireta (v. 427 –33), além de louvar a generosidade e clemência de Teodósio;

1.5. *Epithalamium de nuptiis Honorii Augusti e Fescennina de nuptiis Honorii Augusti*, “Epitalâmio sobre as núpcias de Honório Augusto e Versos fesceninos²¹ sobre as núpcias de Honório Augusto” – Um epitalâmio extenso e quatro pequenas composições em homenagem ao casamento de Honório e Maria, filha de Estilício e Serena;

1.6. *De Bello Gildonico*, “Sobre a Guerra Gildônica” – Também recitado em Milão, no ano de 398, essa invectiva trata da queda de Gildão. O poema é puramente propagandista e Claudiano pouco se importa em relatar os fatos tais quais foram, preocupando-se, apenas, em favorecer o general do Ocidente e seu governo;

1.7. *Panegyricus dictus Manlio Theodoro consuli*, “Panegírico recitado para o cônsul Mânlio Teodoro” – Em 399 o jurista e filósofo Mânlio Teodoro assume o consulado, e Claudiano compõe e recita o panegírico em sua honra no mesmo ano em Milão;

1.8. *In Eutropium I, II*, “Contra Eutrópio³⁰ I, II” – Um poema invectivo. Foi dedicado ao cônsul do Oriente em 399, que diferentemente de Mânlio Teodoro, era tido como corrupto, injusto e traiçoeiro. Claudiano recitou o poema em Milão na primavera do mesmo ano;

1.9. *De consulatu Stilichonis I, II, III* ou *Laus Stilichonis*, ou melhor, *Laudes Stilichonis*, “Sobre o consulado de Estilício I, II, III ou

²⁰ Flávio Arcádio Augusto (? – 408) filho mais velho de Teodósio I e Élia Flacila e imperador do Oriente, cuja capital era Constantinopla, após a morte do pai. Por causa de sua pouca experiência, teve todo o seu governo controlado por seus ministros, Rufino e, em seguida, Eutrópio. Mais tarde, com a nomeação da esposa, Élia Eudóxia, como augusta, essa passa a governar no lugar do marido, e, a partir do ano de 404 até a morte do imperador, o novo poder à sombra de Arcádio foi Artêmio, prefeito pretoriano do Oriente. (BUNSON, 2002, p. 31-32, tradução nossa).

²¹ Gênero poético oriundo da cidade de Fescênia, o qual consistia em textos satíricos, burlescos ou obscenos. (SMITH, 1884, p. 306, tradução nossa).

A glória de Estilicão, ou melhor, As glórias de Estilicão I, II, III” – Em 400, Estilicão, por fim, assume o consulado e, para louvar o ocorrido, Claudiano compõe um panegírico com três livros. Os dois primeiros foram recitados em Milão, e o terceiro, um mês depois, em Roma, com a entrada triunfal de Estilicão na cidade;

1.10. *De Bello Gothico*, “Sobre a Guerra Gótica” – Poema de épica histórica recitado em Roma em 402, logo após a batalha de Polência²²; ele aborda as batalhas e vitória de Estilicão sobre Alarico;

1.11. *Panegyricus de sexto consulatu Honorii Augusti*, “Panegírico sobre o sexto consulado de Honório Augusto” – Composto em 404 com o propósito de ouvar o sexto consulado de Honório. Mesmo sendo esse o motivo inicial que levou Claudiano a compor o poema, o poeta aproveita para tecer elogios aos feitos de Estilicão.

1.2 Poemas mitológicos

É no grupo dos escritos com temática mitológica que se encontra o mais famoso, porém incompleto, poema de Cláudio Claudiano: *De Raptu Proserpinae* (O rapto de Prosérpina). Até nossos dias chegaram apenas três livros. A obra narra a história do rapto de Prosérpina, filha de Ceres e Júpiter, que é levada por Plutão para o mundo inferior e lá é desposada. Ao mesmo tempo, o poema mostra a busca desesperada de Ceres pela sua filha e a cumplicidade entre Júpiter e Vênus, que contribuíram para que Plutão raptasse Prosérpina.

1.3 O grupo dos poemas menores, ou *Carmina minora*, compreende:

Um grupo com 53 composições formadas por cartas escritas em versos, epigramas, *ecphraseis*²³, panegíricos etc, com temáticas variadas

²² Travada em 6 de abril de 402, na cidade de Polência, atualmente chamada de Pollezo, e teve como principais protagonistas Alarico e Estilicão. O ataque às tropas do rei visigodo se deu no domingo de Páscoa, após o exército de Alarico dar uma pausa na batalha para celebrar a data santa. Estilicão e seu exército aproveitaram a ocasião e atacaram o exército inimigo, levando Alarico à sua ruína. (SMITH, 1884, p. 687, tradução nossa).

²³ Refere-se ao tropo literário e retórico de convocar - através de palavras - uma impressão de um estímulo visual, objeto ou cena. Como tropo crítico, a palavra *ekphrasis* (ἐκφρασις) é atestada a partir do primeiro século EC: é discutida no *Progymnasmata* grego imperial, onde é definida como um "discurso descritivo que traz o sujeito mostrado diante dos olhos com vividez visual". (SQUIRE, 2015, tradução nossa).

e que foram publicados após a morte de Claudiano, sob as ordens de Estilício. Desse grupo destacam-se:

3.1. *Gigantomachia Latina*, “A Gigantomaquia Latina” – Um poema incompleto, composto de 128 versos e que narra a batalha entre os deuses e os gigantes, sendo ele o tema central desse trabalho;

3.2. *Epithalamium dictum Palladio v. c. tribuno et notario et Celerinae*, “Epitalâmio recitado para o tribuno e notário Paládio e Celerina” – Panegírico dedicado a um colega;

3.3. *Laus Serenae*, “Elogio a Serena” – Panegírico incompleto dedicado a Serena, esposa de Estilício. Claudiano narra fatos da infância dela até o seu casamento com o cônsul;

3.4. *Phoenix*, “A fênix” – Poema mitológico que narra a história de uma ave que morre e renasce a cada mil anos;

3.5. *Epistula ad Serenam*, “Carta para Serena” – Carta destinada a Serena, esposa de Estilício, na qual Claudiano relata seu desejo de estar presente em seu casamento, mas lamenta o fato de ele estar na África e Serena na Itália. A carta é encerrada com o pensamento do poeta voltado ao regresso a Roma.

3.6. *Deprecatio ad Hadrianum*, “Desculpa a Adriano” – Carta de desculpas endereçada a Adriano, um alexandrino com quem Claudiano tivera algum desentendimento e a quem ofendera em outro epigrama;

3.7. *Epistula ad Olybrium e Epistula ad Probinum*, “Carta para Olíbrio e Carta para Probino” – Cartas dedicadas a seus dois amigos cônsules nas quais Claudiano pede que ambos rompam o silêncio e lhe escrevam;

3.8. Um grupo de poemas de origem duvidosa chamado *Carminum uel spuriorum uel suspectorum appendix*, “Apêndice dos poemas ou ilegítimos ou suspeitos” – Esses poemas aparecem juntos com os *Carmina minora* e somam, ao todo, 24 composições, das quais os poemas 16-19 só apresentam seus títulos, pois se perderam, e outros estão fragmentados, enquanto os três últimos poemas não possuem títulos.

1.4 Poemas gregos

Ou *Carmina graeca*, são um grupo de poemas escritos em grego e que datam, possivelmente, do período anterior à ida de Claudiano para a Itália. Nesse grupo encontramos fragmentos de uma Gigantomaquia e alguns epigramas.

2. A Gigantomaquia Latina

Sobre o poema *A Gigantomaquia Latina* não nos chegaram nenhuma informação. Não se sabe quando e em que ocasião foi composto, apenas que está inacabado e, mesmo assim, foi publicado junto com outros poemas inconclusos no grupo dos *Carmina minora* logo após a morte do poeta.

Cameron (1970, p. 467) sugere que a data de composição da obra seja pouco anterior à sua morte, e a explicação para tal dedução se dá pelo fato de Claudiano ter sido educado numa escola em Alexandria que preparava poetas, ensinando-lhes todas as técnicas de composição dos gêneros da época, o que leva o estudioso a cogitar tal possibilidade. De fato, considerando que o alexandrino fora um compositor rápido, dada sua formação, é possível que a escrita do texto tenha sido interrompida por sua morte.

Todavia, muitos críticos modernos consideram que a data da gigantomaquia antecede a chegada de Claudiano a Roma. Tal alegação se dá pela presença de elementos que atribuem alguma “jovialidade” ao poema, como hipérbolos e procedimentos de composição semelhantes aos da gigantomaquia grega, também escrita pelo alexandrino. Outro argumento usado se pauta sobre a quantidade de referências ao tema da batalha entre deuses e gigantes, presentes em outros poemas de Claudiano, principalmente nos compostos em seus últimos dois anos de vida (402-404), como se o poeta voltasse ao texto escrito em sua juventude para resgatar o tema e usá-lo em suas novas composições. Cameron (1970, p. 468) lista 9 referências ao tema da batalha entre deuses e gigantes apenas nesse curto espaço de tempo: *Rapt.* II. 157-61, 255-7, III 182-8, 196-7, 337-56, *Get.* 63-76, 342-3, *VI Cons.* 17-20, *VI Cons.* 185. Entretanto, o estudioso defende que tais considerações não podem ser tomadas como decisivas, pois:

Eu ousaria sugerir que foi precisamente porque seu entusiasmo por um tema que sempre o fascinou foi reavivado por sua relevância especial para o tema político e dos poemas mitológicos em que ele estava trabalhando no período de 402-4 que Claudiano decidiu escrever uma

Gigantomaquia completa em latim (...) (CAMERON, 1970, p. 468-469, tradução nossa).

Roma enfrentava uma série de confrontos contra povos inimigos. Metáforas relacionando os romanos e, principalmente, o imperador Honório e o general Estilício, aos deuses, e os povos inimigos aos gigantes, eram bastante comuns nesse contexto. Os deuses representavam o bem, enquanto os gigantes, o mal, como aponta Coombe:

No entanto, nas circunstâncias de sua composição poética, a gigantomaquia ressoa de mais maneiras do que simplesmente adotar os níveis mais elevados do poético e do heroico: ao invés de ser simplesmente uma alusão, o engajamento das situações universais e políticas dos poemas com uma recriação do mito da gigantomaquia fornece um amplo escopo para a representação de poder harmonizado versus poder descontrolado, os deuses, heróis e monstros do mundo da história e do mundo real, e o triunfo final do bem sobre o mal. (COOMBE, 2018, p. 96, tradução nossa).

Composto em hexâmetros dactílicos, metro típico da poesia épica, a obra pode ser entendida como uma representação alegórica dos constantes conflitos entre os romanos e os povos bárbaros, se considerarmos todos os acontecimentos desde a morte de Teodósio I até antes da morte do poeta. A batalha entre os deuses e os gigantes fora ocasionada pela Terra. A divindade, movida pela inveja e irada pelo sofrimento dos titãs no Tártaro, gera criaturas monstruosas que servirão como armas para o seu propósito: tomar o controle do céu. Ao longo dos 128 versos, Claudiano nos apresenta diversos quadros, repletos de imagens, cores e movimento – características típicas do autor – contando detalhadamente os episódios até a grande luta.

O poema pode ser dividido em duas grandes partes, como pontua Romano (1979, pp. 925-936, *apud* CASON, 2018, pp. 21-22.): a primeira consta da narrativa de preparação para o confronto (vv. 1-73), enquanto a segunda aborda o confronto e seu desfecho, que é abruptamente interrompido (vv. 73-128).

O original apresentado na seção seguinte foi retirado da edição da *The Loeb Classical Library*²⁴.

²⁴ CLAUDIAN, 1990, p. 280.

3. A Gigantomaquia Latina: Texto, tradução e notas

LII. (XXXVII.)

Gigantomachia

Terra parens quondam caelestibus inuida regnis
Titanumque simul crebros miserata dolores
omnia monstrifero complebat Tartara fetu,
inuisum genitura nefas, Phlegramque retextit
5 tanta prole tumens et in aethera protulit hostes.
fit sonus: erumpunt Erebo necdumque creati
iam dextras in bella parant superosque lacessunt
stridula uolentes gemino uestigia lapsu.
pallescunt subito stellae flectitque rubentes
10 Phoebus equos docuitque timor reuocare meatus.
Oceanum petit Arctos inocciduique Triones
occasum didicere pati. tum feruida natos
talibus hortatur genetrix in proelia dictis:
“O pubes dominatura deos, quodcumque uidetis,
15 pugnando dabitur; praestat uictoria mundum.
sentiet ipse meas tandem Saturnius iras,
cognoscet quid Terra potest, si uiribus ullis
uincor, si Cybele nobis meliora creauit.
cur nullus Telluris honos? cur semper acerbis
20 me damnis urgere solet? quae forma nocendi
afuit? hinc uolucrum uiuo sub pectore pascit
infelix Scythica fixus conualle Prometheus;
hinc Atlantis apex flammantia pondera fulcit
et per canitiem glacies asperrima durat.
25 quid dicam Tityon, cuius sub uultere saeuo
uiscera nascuntur grauibus certantia poenis?
sed uos, o tandem ueniens exercitus ultor,
soluite Titanas uinclis, defendite matrem.
sunt freta, sunt montes: nostris ne parcite membris;
30 in Iouis exitium telum non esse recuso.
ite, precor, miscete polum, rescindite turre

sidereas. rapiat fulmen sceptrumque Typhoeus;
 Enceladi iussis mare seruiat; Otus habenas
 Aurorae pro Sole regat; te Delphica laurus
35 stringat, Porphyrion, Cirrhaeaeque templa tenento.”
 His ubi consiliis animos elusit inanes,
 iam credunt uicisse deos mediisque reuinctum
 Neptunum traxisse fretis; hic sternere Martem
 cogitat, hic Phoebi laceros diuellere crines;
40 hic sibi promittit Venerem speratque Dianae
 coniugium castamque cupit uiolare Mineruam.
 Intereae superos praenuntia conuocare Iris,
 qui fluuios, qui stagna colunt, cinguntur et ipsi
 auxilio Manes; nec te, Proserpina, longe
45 umbrosae tenuere fores; rex ipse silentum
 Lethaeo uehitur curru lucemque timentes
 insolitam mirantur equi trepidoque uolatu
 spissas caeruleis tenebras e naribus efflant.
 ac, uelut hostilis cum machina terruit urbem,
50 undique concurrunt arcem defendere ciues,
 haud secus omnigenis coeuntia numina turmis
 ad patrias uenere domos. tum Iuppiter infit:
 “O numquam peritura cohors, o debita semper
 caelo progenies, nullis obnoxia fati,
55 cernitis ut nostrum Tellum coniuret in orbem
 prole noua dederitque alios interrita partus?
 ergo quot dederit natos, tot funera matri
 reddamus. longo maneat per saecula luctu,
 tanto pro numero paribus damnata sepulchris.”
60 Iam tuba nimborum sonuit, iam signa ruendi
 his Aether, his Terra dedit, confusaque rursus
 pro domino Natura timet. discrimina rerum
 miscet turbo potens: nunc insula deserit aequor,
 nunc scopuli latuere mari quot litora restant
65 nuda! quot antiquas mutarunt flumina ripas!

hic rotat Haemoniam praeduris uiribus Oeten;
hic iuga conixus manibus Pangaea coruscat;
hunc armat glacialis Athos; hoc Ossa mouente
tollitur; hic Rhodopen Hebri cum fonte reuellit
70 et socias truncauit aquas summaque leuatus
rupe Giganteos umeros inrorat Enipeus:
subsedit patulis Tellus sine culmine campis,
in natos diuisa suos. Horrendus ubique
it fragor et pugnae spatium discriminat aer.
75 primus terrificum Mauors non segnis in agmen
Odrysios inpellit equos, quibus ille Gelonos
siue Getas turbare solet: splendentior igni
aureus ardescit clipeus, galeamque nitentes
arrexere iubae. tum concitus ense Pelorum
80 transigit aduerso, femorum qua fine uolutus
duplex semiferi conectitur ilibus anguis,
atque uno ternas animas interficit ictu.
dum superinsultans auidus languentia curru
membra terit multumque rotae sparsere cruoris,
85 accurrit pro fratre Mimans Lemnumque calentem,
cum lare Vulcani spumantibus eruit undis,
et prope torsisset si non Mauortia cuspis
ante terebrato cerebrum fudisset ab ore.
ille, uiro toto moriens, serpentibus imis
90 uiuit adhuc stridore ferox et parte rebelli
uictorem post fata petit. Tritonia uirgo
prosilit ostendens rutila cum Gorgone pectus;
aspectu contenta suo non utitur hasta
(nam satis est uidisse semel) primumque furentem
95 longius in faciem saxi Pallanta reformat.
ille procul subitis fixus sine uulnere nodis
ut se letifero sensit durescere uisu
(et steterat iam paene lapis), “quo uertimur”?
inquit, “quae serpit per membra silex? quis torpor inertem

100 marmorea me peste ligat?" uix pauca locutus,
quod timuit, iam totus erat; saeuusque Damastor,
ad depellendos iaculum cum quaereret hostes,
germani rigidum misit pro rupe cadauer.

Hic uero interitum fratris miratus Echion,

105 inscius auctorem dum uult temptare nocendo,
te, dea, respexit, solam quam cernere nulli
bis licuit. meruit sublata audacia poenas
et didicit cum morte deam. sed turbidus ira
Palleneus, oculis auersa tuentibus atrox,

110 Ingreditur caecasque manus in Pallada tendit.
hunc mucrone ferit dea comminus; ac simul angues
Gorgoneo riguere gelu corpusque per unum
pars moritur ferro, partes periere uidendo.

Ecce autem medium spiris delapsus in aequor

115 Porphyrion trepidam conatur rumpere Delon,
scilicet ad superos ut torqueat improbus axes.
horruiat Aegaeus; stagnantibus exilit antris
longaeuo cum patre Thetis desertaque mansit
regia Neptuni famulis ueneranda profundis.

120 exclamant placidae Cynthi de uertice Nymphae,
Nymphae quae rudibus Phoebum docuere sagittis
errantes agitare feras primumque gementi
Latonae struxere torum, cum lumina caeli
parturiens geminis ornaret fetibus orbem.

125 inplorat Paeana suum conterrita Delos
auxiliumque rogat: 'si te gratissima fudit
in nostros Latona sinus, succurre precanti.
en iterum conuulsa feror.'...

LII. (XXXVII.)

A Gigantomaquia

A mãe Terra²⁵, certo dia, com inveja dos reinos celestes

²⁵ A deusa mãe é a mais antiga divindade de que se tem registro de culto, mãe dos Titãs e dos Gigantes e esposa do Céu. Segundo Hesíodo, em sua obra *Teogonia* (116-22), a Terra,

e, ao mesmo tempo, compadecida do sofrimento incessante dos Titãs²⁶

preenchia todo o Tártaro²⁷ com uma ninhada monstruosa;
um crime inédito geraria, e revelou o Flegra²⁸,

5 entumecida com uma prole gigantesca, e lançou inimigos
contra o céu.

Um barulho se fez; rompem do Érebo²⁹ e os ainda não nascidos
já preparam as destros para a guerra e provocam os Súperos,
movendo seus passos sibilantes com o duplo deslizar.

Empalidecem subitamente as estrelas, e Febo³⁰ desvia os cavalos

ou Gaia, como é chamada pelos gregos, foi uma das quatro grandes divindades geradas espontaneamente, junto com Caos, Eros e Tártaro. Deu origem às montanhas, ao oceano e às divindades marinhas mais antigas. Com Tártaro gerou os Gigantes e, após conceber o Céu, com ele gerou os Titãs, os ciclopes e os monstros de cem mãos. Era cultuada por toda a Grécia e, em especial, em Delfos. (SMITH, 1884, p. 315, tradução nossa).

²⁶ Divindades anteriores aos deuses olímpicos, filhos da Terra e do Céu. Foram os primeiros deuses e têm por nome mais conhecido, na mitologia grega, Cronos (cujo equivalente romano seria Saturno), que era o pai dos deuses olímpicos e foi destronado pelo filho mais jovem, Júpiter, durante a Titanomaquia, sendo aprisionado no Tártaro com os demais Titãs. (ROMAN; ROMAN, 2010, p. 493, tradução nossa).

²⁷ Lugar mais terrível do mundo dos mortos, onde os Titãs que participaram da Titanomaquia foram aprisionados. Era uma prisão subterrânea abaixo do submundo, rodeada por trevas. Também corresponde a um dos quatro deuses primordiais que foram gerados espontaneamente e deram origem ao universo. *NA Gigantomaquia Latina* podemos entender o Tártaro tanto como o lugar de sofrimento dos Titãs, quanto uma divindade em união com a Terra e gerando novos filhos. (ROMAN; ROMAN, 2010, p. 458, tradução nossa).

²⁸ Nome mítico atribuído à Palena, península da Macedônia, sendo a mais ocidental das três que formam a chamada península Calcídica, localizada a noroeste da Grécia. No poema, é o local onde ocorre o confronto entre os deuses e os gigantes. (SMITH, 1884, p. 596, tradução nossa).

²⁹ No poema, refere-se a uma das regiões infernais, o local que as almas atravessavam para chegarem ao submundo propriamente dito. Érebo também está associado à personificação das trevas, sendo um deus primordial e irmão gêmeo da deusa Nix, a representação da noite. Érebo está ligado à paternidade de figuras como Caronte ou Nêmesis. (SMITH, 1884, p. 287, tradução nossa).

³⁰ Deus da medicina, artes, pragas, poesia e profecias. Filho de Júpiter e Latona, irmão gêmeo de Diana, Febo nasceu na ilha flutuante de Delos, após Juno pedir que a Terra negasse abrigo a Latona, que foi, segundo algumas configurações do mito, uma das

10 flamejantes, e o medo ensinou a retroceder os caminhos.
 A Ursa Menor se dirige ao Oceano, e ambas as Ursas que não
 se põem
 aprenderam a suportar o ocaso. Então a genitora ardente
 encoraja os nascidos para o combate com tais ditos:
 “Ó jovens que hão de subjugar os deuses, tudo o que vedes,
15 ser-vos-á dado combatendo; a vitória toma o mundo.
 Enfim o próprio Saturnio³¹ sentirá as minhas iras,
 saberá o que a Terra pode, se sou vencida
 por alguma força, se Cibele³² criou coisas melhores que nós.
 Por que é nula a honra da Terra? Por que sempre com penosos
20 prejuízos costuma oprimir-me? Que forma de fazer mal
 faltou? De um lado, o infeliz Prometeu³³, imóvel no vale da
 Cítia³⁴,
 alimenta a ave sob seu peito em carne viva;

amantes de Júpiter e que estava prestes dar à luz os gêmeos. Conduzia a carruagem do Sol, cujo percurso equivale às horas do dia, assim como, do mesmo modo, conduzia as Musas, divindades ligadas à música. Tinha como cidades sagradas Delos, Cirra e Delfos, além de ter sido bastante cultuado em Atenas, Corinto e Roma. Tanto na Grécia, como em solo italiano, era chamado de Apolo e é bastante comum referirem-se a ele como Febo Apolo na mitologia romana. (ROMAN; ROMAN, 2010, p. 73, tradução nossa).

31 Uma sinédoque para Júpiter. O adjetivo *Saturnius* significa “de Saturno” e faz referência aos deuses filhos do Titã Saturno. No poema, o Saturnio, ou Júpiter, sentirá as iras da Terra por ter sido o responsável por destronar e esquartejar o próprio pai e lançá-lo no Tártaro juntos aos outros Titãs, causando, assim, os diversos sofrimentos incessantes a que foram destinados. (SMITH, 1884, p. 780, tradução nossa).

³² *A Magna Mater*, “Grande Mãe”. Uma Titânide descendente da Terra e do Céu e mãe dos deuses olímpicos. Foi responsável pela Titanomaquia, quando se recusou a entregar Júpiter a Saturno, para ser devorado, e o escondeu da ira do pai até que Júpiter, já adulto, voltou e destronou o Titã com a ajuda dos irmãos. Cibele representava a natureza e a fertilidade, e tem sua origem na Frígia, onde possui um templo. Equivale, na mitologia grega, a Réia. (SMITH, 1884, p. 739, tradução nossa).

³³ Filho de Jápeto e da ninfa Asia, foi o Titã responsável por roubar o fogo do céu e entregá-lo aos humanos. Como castigo, foi amarrado a um rochedo e teve seu peito devorado por uma ave durante toda a eternidade, pois a ferida cicatrizava e a ave retornava. (SMITH, 1884, p. 711, tradução nossa).

³⁴ Vasta região que, para os antigos, se localizava ao norte do mundo, situada na Eurásia e que foi, na Antiguidade, habitada por povos nômades e invasores, de língua iraniana, cujo lugar de origem é incerto. (SMITH, 1884, p. 792, tradução nossa).

do outro, a cabeça de Atlas³⁵ suporta pesos flamejantes,
e pelo branco cabelo gelo aspérrimo endurece.

25 O que direi de Tício³⁶, cujas entranhas, sob um abutre cruel,
combatendo, nascem para o penoso castigo?

Mas vós, ó exército vingador que vem, por fim,
soltai os Titãs da prisão, defendei a genitora.

Há mares, há montes: não poupai nossos membros;

30 não me recuso ser a flecha para a ruína de Jove³⁷.

Ide, peço, desordenai o polo, destruí as torres
divinas. Que Tifeu³⁸ roube o trovão e o cetro;

³⁵ Titã filho de Jápeto e da ninfa Ásia, irmão de Prometeu e pai das Plêiades. Foi condenado por Júpiter a carregar o peso do mundo por toda a eternidade por ter lutado ao lado dos Titãs contra os deuses olímpicos. Em uma das versões de seu mito, conta-se que ele ajudou Hércules a colher as maçãs de ouro das Hespérides e foi enganado pelo herói. Outra versão conta que Perseu o transformou em pedra ao mostrar-lhe a cabeça da Medusa. (SMITH, 1884, p. 124, tradução nossa).

³⁶ Gigante filho da Terra que foi morto a flechadas por Febo e Diana, porque tentou violar Latona por influência de Juno. Tício foi condenado a padecer nos infernos, amarrado nas pernas e braços e tendo suas entranhas devoradas por um abutre. Por causa da semelhança nas punições, costuma haver certa confusão entre Tício e o Titã Prometeu. (SMITH, 1884, p. 901, tradução nossa).

³⁷ Pai e rei dos deuses olímpicos e esposo e irmão da rainha dos deuses, Juno. Um dos filhos de Saturno, foi ele o responsável por salvar seus irmãos, que foram engolidos pelo pai, a fim de evitar que um oráculo se cumprisse, e por esquartejá-lo e lançá-lo preso no Tártaro. Logo após derrotar Saturno, Júpiter se tornou o rei dos deuses, ficando com o domínio do céu e da terra ao fazer a divisão dos reinos com seus irmãos, Netuno e Plutão. Era chamado, pelos gregos antigos, de Zeus e tem “Jove” como outro nome muito comum na literatura latina. (SMITH, 1884, p. 412, tradução nossa).

³⁸ Era também chamado de Tifão, ou Tufão. Titã filho da Terra, o qual era, constantemente, associado, pelos antigos gregos e romanos, a grandes tornados. É descrito como a mais horrível das criaturas e tinha mãos e pés incansáveis, e sobre os ombros cresciam cem cabeças de dragão. Era esposo de Equidna, criatura gigantesca com tronco de mulher e corpo de serpente da cintura para baixo, e pai de vários monstros conhecidos da mitologia, como, por exemplo, a Esfinge e a Hidra de Lerna. (SMITH, 1884, p. 914, tradução nossa).

que o mar obedeça às ordens de Encélado³⁹; que Oto⁴⁰ guie as rédeas de Aurora⁴¹ diante do Sol⁴²; que uma coroa délfica de louros

35 te estreite, Porfirião⁴³, e que tomai os templos da Cirra⁴⁴.”
Quando com esses conselhos enganou as almas vazias,
já creem ter vencido os deuses e ter arrastado
Netuno⁴⁵ preso do meio dos mares. Este cogita abater
Marte⁴⁶; esse, arrancar o mutilado cabelo brilhoso de Febo;

³⁹ Um dos gigantes filhos da Terra gerado para combater os deuses. Encélado foi criado para confrontar a deusa da sabedoria, Minerva, sendo conhecido não por ser o mais forte dos gigantes, mas o mais inteligente. Outras versões do mito relatam que Encélado foi aprisionado sob o monte Etna. (SMITH, 1884, p. 280, tradução nossa).

⁴⁰ Um dos Aloídas, irmão de Efilates. Ambos eram filhos de Netuno com a esposa de Aloeu, Ifimedia. Eram gigantes bastante agressivos e ficaram conhecidos por meio da tentativa de escalar o monte Olimpo. Ambos passaram a perseguir Juno e Diana e foram mortos por Febo e sua irmã a flechadas. (SMITH, 1884, p. 586, tradução nossa).

⁴¹ Deusa do alvorecer, Aurora era filha dos Titãs Hiperião (ou Hipérion) e Teia, e irmã do Sol e da Lua. Sua ligação com o irmão era fundamental, pois ela precedia o carro do Sol e tingia o céu com as pontas dos dedos ao amanhecer. Na mitologia grega é conhecida como Eos. (SMITH, 1884, p. 132, tradução nossa).

⁴² Personificação do Sol, equivalente de Hélios. Filho de Hiperião e Teia, e irmão de Aurora e da Lua, é, muitas vezes, confundido com Apolo. Ele dirige sua carruagem solar precedido por Eos e seguido pela Lua, e seu percurso equivale às horas do dia, desde o amanhecer até o crepúsculo. (SMITH, 1884, p. 822, tradução nossa).

⁴³ Gigante também filho da Terra e do Tártaro, sendo considerado um dos mais poderosos gerados por ela. Segundo uma variante do mito, Porfirião raptou Juno durante a guerra contra os deuses e, por causa do seu desejo pela rainha, foi fulminado por Júpiter. Porfirião é o rei dos gigantes e foi gerado para combater Jove. (SMITH, 1884, p. 701, tradução nossa).

⁴⁴ Cidade da Fócida, na Grécia central. Era, na Antiguidade, fortificada e situada estrategicamente, permitindo que o acesso a Delfos fosse controlado por seus habitantes, que realizavam eventuais assaltos a peregrinos que iriam consultar o Oráculo do deus Apolo. Cirra ficou conhecida por protagonizar um evento que duraria dez anos: a Primeira Guerra Santa (595 – 585 a.C.), e também por ser uma cidade consagrada ao deus Apolo. (SMITH, 1884, p. 206, tradução nossa).

⁴⁵ Deus dos mares, irmão de Júpiter e filho de Saturno e Cibele. Esposo da ninfa marinha Anfítrite e pai de Tritão. Ficou com o domínio dos mares logo após a vitória dos deuses sobre os Titãs na Titanomaquia. Era responsável pelos maremotos, e os terremotos também eram atribuídos a ele, que os provocava ao bater com seu tridente na terra. Equivale a Poseidon, na mitologia grega. (SMITH, 1884, p. 544, tradução nossa).

⁴⁶ Deus da guerra e filho de Júpiter e Juno, segundo as versões mais recorrentes do mito. Outra versão afirma que o deus nasceu apenas de Juno, que, com inveja do esposo, que deu à luz a Minerva de sua cabeça, decidiu mostrar-lhe que também era capaz de gerar um filho por si só. Marte é oriundo da Trácia e era o segundo deus de maior importância no panteão romano, ficando abaixo apenas do pai, Jove. Diferentemente de Minerva, Marte representa a guerra desordenada e sangrenta. Sua comitiva era composta por Medo e Pavor, que o acompanhavam em suas batalhas. O deus conduzia uma carroça

40 aquele se promete Vênus⁴⁷ e espera a união de Diana⁴⁸ e deseja violar a casta Minerva⁴⁹.

Nesse momento, a mensageira Íris⁵⁰ convoca os Súperos que habitam os rios, que habitam os lagos, e armam-se os próprios temendo, admiram-se com a luz insólita e, por causa do voo agitado, espessas trevas da escura narina exalam.

E, assim como quando a máquina hostil aterrorizou a cidade,

50 de todos os lados, cidadãos correm em massa para defender a cidadela;

não diferentemente, divindades se aliando em batalhões de todas as espécies

vieram aos lares pátrios. Então Júpiter começa a falar:

puxada por quatro cavalos e tem como animais sagrados o cachorro, o lobo e o abutre. Seu equivalente grego é Ares. (SMITH, 1884, p. 481, tradução nossa).

⁴⁷ Deusa do amor, da sexualidade, esposa de Vulcano e, muitas vezes, tida como mãe de Cupido. Nasceu da espuma do mar fecundada pelo sêmen de Saturno, após a genitália dele ter sido cortada por Júpiter e caído no mar. Por estar ligada ao amor e ao sexo, teve um grande número de casos extraconjugais, tanto com deuses, quanto com mortais, tendo filhos concebidos dessas uniões, sendo, na mitologia romana o mais famoso deles Eneias, filho da deusa com o príncipe troiano Anquises. Em autores como Virgílio, Vênus é tida como filha de Jove. Equivale à Afrodite dos gregos. (SMITH, 1884, p. 929, tradução nossa).

⁴⁸ Deusa da Lua, da caça e dos bosques. Filha de Jove e de Latona e irmã gêmea de Febo, é uma das três deusas virgens, pois jurou castidade após ver o sofrimento da mãe durante seu nascimento e pediu ao pai, Júpiter, que desse a ela o direito de não se casar. A deusa era acompanhada por um séquito de Ninfas que, assim como ela, renunciaram o casamento. Diana é representada com arco, flecha e um cão de caça, que é um de seus animais sagrados, e na mitologia grega é identificada como a deusa Artemis. (SMITH, 1884, p. 255, tradução nossa).

⁴⁹ Deusa casta da arte, técnica e estratégia em batalha, filha de Júpiter e Métis. Minerva nasceu da cabeça do pai, logo após ele engolir a mãe gestante por causa de um oráculo que dizia que ela seria mais poderosa que ele. Assim como Diana e Vesta, decidiu não se unir em matrimônio, permanecendo casta para sempre. Junto a seu pai, Júpiter, e a sua madrastra e tia, Juno, Minerva compunha a Tríade Capitolina, na qual três deuses supremos eram adorados. Sua equivalente grega é Atena. (SMITH, 1884, p. 516-517, tradução nossa).

⁵⁰ Deusa mensageira, sobretudo da rainha Juno, filha de Taumante e Electra, segundo as configurações mais recorrentes do mito, e esposa do deus Zéfiro. Era descrita como sendo muito ágil e capaz de se mover com tamanha rapidez de um lugar a outro, e também diziam os antigos que ela possuía um par de asas, que a ajudavam ao deslocar-se. Além de deusa, Íris também era a personificação do arco-íris. É muito mencionada por Homero, na *Iliada*, porém, na *Odisseia*, perde seu lugar para Hermes, equivalente grego de Mercúrio. Embora tenha uma equivalente romana chamada *Arcus*, na literatura latina é frequentemente chamada de Íris. (SMITH, 1884, p. 400, tradução nossa).

“Ó coorte que jamais perecerá, ó raça sempre destinada ao céu, sujeita a nenhuns fados,
55 vedes que a Terra conspira contra o nosso mundo com uma nova prole e, impávida, deu outras ninhadas? Pois quantos nascimentos ela deu, tantos funerais à mãe retornemos. Que permaneça em longo luto pelos séculos, por causa do tão grande número, condenada, ao mesmo tanto de sepulturas”.

60 Já a tuba das nuvens soou, já os sinais de atacar deu a estes o Céu, àqueles, a Terra, e mais uma vez a Natureza confusa teme por seu senhor. O turbilhão potente confunde os

limites das coisas: ora a ilha abandona o mar,

ora os rochedos se escondem no mar. Quantas praias ficam

65 desprotegidas! Quantos rios mudam as margens antigas!

Este atira o Eta⁵¹ tessálio com força rija;

esse, tendo feito esforço, com as mãos, o cimo Pangeu⁵² agita;

àquele, o glacial Atos⁵³ dá arma, e, com estoutro movendo-se,

o Ossa⁵⁴

⁵¹ Monte localizado no sul da Tessália e pertencente ao conjunto de cadeias do Pindo. O Eta é conhecido por sua parte Oriental, chamada Calídro, chegar próximo ao mar, formando uma passagem estreita chamada de “passo das Termópilas”. Mitologicamente, o monte é famoso por servir de cenário para a morte do herói Hércules, ou Hércules. (SMITH, 1884, p. 569, tradução nossa).

⁵² Uma cadeia de montanhas localizada na Trácia e conhecida pela presença de exuberantes rosas que nascem no lugar, e também por conter minas de prata e ouro em seus arredores. A origem do nome vem do herói Pangeu, filho de Marte, que, depois de ter cometido um incesto involuntário com a própria filha, deu fim à própria vida na montanha, que recebeu seu nome por empréstimo. O local era dedicado ao culto a Dionísio. (SMITH, 1884, p. 600, tradução nossa).

⁵³ Também chamado de *Monte Santo*, é uma península montanhosa situada na Macedônia. No monte Atos é possível encontrar centenas de mosteiros, mosteiros e capelas, assim como cidades que floresceram na Antiguidade e que são estudadas atualmente por causa da sua grande riqueza cultural e histórica. Nesses mosteiros foram encontrados manuscritos e afrescos de autores antigos, o que contribuiu para que o monte viesse a tornar-se patrimônio mundial da UNESCO. (SMITH, 1884, p. 124, tradução nossa).

⁵⁴ Montanha da Tessália ligada ao monte Pélio, a sudeste, e, a noroeste, dividido pelo vale de Tempe a partir do Olimpo. É considerada uma das mais altas montanhas da Grécia, depois do monte Olimpo. Segundo a mitologia, o Ossa é o local onde os centauros habitam. (SMITH, 1884, p. 584, tradução nossa).

Manes⁵⁵ em auxílio; nem a ti, ó Prosérpina⁵⁶,
45 guardaram por muito tempo as portas sombrias; o próprio rei daqueles
que fazem silêncio⁵⁷ é levado no carro do Letes⁵⁸, e os cavalos,
temendo, admiram-se com a luz insólita e, por causa do voo
agitado,
espessas trevas da escura narina exalam.
E, assim como quando a máquina hostil aterrorizou a cidade,
50 de todos os lados, cidadãos correm em massa para defender
a cidadela;
não diferentemente, divindades se aliando em batalhões de todas
as espécies
vieram aos lares pátrios. Então Júpiter começa a falar:
“Ó coorte que jamais perecerá, ó raça sempre
destinada ao céu, sujeita a nenhuns fados,
55 vedes que a Terra conspira contra o nosso mundo
com uma nova prole e, impávida, deu outras ninhadas?
Pois quantos nascimentos ela deu, tantos funerais à mãe
retornemos. Que permaneça em longo luto pelos séculos,
por causa do tão grande número, condenada, ao mesmo tanto de
sepulturas”.
60 Já a tuba das nuvens soou, já os sinais de atacar

⁵⁵ Espíritos de antepassados mortos que eram cultuados como divindades. Eram relacionados aos deuses Penates e aos Lares, e poderiam ser chamados, ainda, de *Di Manes* “Deuses Manes” e era recorrente em túmulos romanos encontrarem a abreviação de D.M. fazendo referência a essas divindades menores. (SMITH, 1884, p. 472-473, tradução nossa).

⁵⁶ Filha de Ceres e Júpiter e esposa de Plutão. Deusa das flores, da primavera e rainha do Hades. Foi raptada pelo marido e desposada no submundo, vendo-se obrigada a passar metade do ano nos infernos, com seu esposo, tempo que na terra corresponde ao inverno e ao outono, e, na outra, vai para o Olimpo, fazer companhia para a mãe, trazendo consigo a primavera e o verão. Era também chamada de “Juno infernal”, pois os antigos evitavam falar seu nome. Equivale à grega Perséfone. (SMITH, 1884, p. 713, tradução nossa).

⁵⁷ “O próprio rei daqueles que fazem silêncio”: referência a Plutão, deus rei do submundo e das almas dos mortos. Irmão de Jove, Netuno, Juno e Ceres, e esposo de Prosérpina, coube, por sorteio, ao deus a parte do submundo, para onde as almas vão após a morte. Plutão também é considerado o pai de todos os tesouros para os romanos, pois toda a riqueza oriunda do subsolo provinha do mundo inferior. Seu equivalente grego é Hades. (SMITH, 1884, p. 685, tradução nossa).

⁵⁸ Rio da região infernal, cujas águas causavam esquecimento àqueles que bebessem delas. Segundo a mitologia, para que os mortos pudessem reencarnar era necessário que tomassem da água do Letes para que se esquecessem das suas vidas anteriores. (SMITH, 1884, p. 435, tradução nossa).

deu a estes o Céu, àqueles, a Terra, e mais uma vez
 a Natureza confusa teme por seu senhor. O turbilhão potente
 confunde os
 limites das coisas: ora a ilha abandona o mar,
 ora os rochedos se escondem no mar. Quantas praias ficam
65 desprotegidas! Quantos rios mudam as margens antigas!
 Este atira o Eta⁵⁹ tessálio com força rija;
 esse, tendo feito esforço, com as mãos, o cimo Pangeu⁶⁰ agita;
 àquele, o glacial Atos⁶¹ dá arma, e, com estoutro movendo-se,
 o Ossa⁶²
 é arrancado; este quinto⁶³ arrebatou o Ródope⁶⁴ com a nascente
 do Ebro⁶⁵

⁵⁹ Monte localizado no sul da Tessália e pertencente ao conjunto de cadeias do Pindo. O Eta é conhecido por sua parte Oriental, chamada Calídromo, chegar próximo ao mar, formando uma passagem estreita chamada de “passo das Termópilas”. Mitologicamente, o monte é famoso por servir de cenário para a morte do herói Hércules, ou Hércules. (SMITH, 1884, p. 569, tradução nossa).

⁶⁰ Uma cadeia de montanhas localizada na Trácia e conhecida pela presença de exuberantes rosas que nascem no lugar, e também por conter minas de prata e ouro em seus arredores. A origem do nome vem do herói Pangeu, filho de Marte, que, depois de ter cometido um incesto involuntário com a própria filha, deu fim à própria vida na montanha, que recebeu seu nome por empréstimo. O local era dedicado ao culto a Dionísio. (SMITH, 1884, p. 600, tradução nossa).

⁶¹ Também chamado de *Monte Santo*, é uma península montanhosa situada na Macedônia. No monte Atos é possível encontrar centenas de mosteiros, mosteiros e capelas, assim como cidades que floresceram na Antiguidade e que são estudadas atualmente por causa da sua grande riqueza cultural e histórica. Nesses mosteiros foram encontrados manuscritos e afrescos de autores antigos, o que contribuiu para que o monte viesse a tornar-se patrimônio mundial da UNESCO. (SMITH, 1884, p. 124, tradução nossa).

⁶² Montanha da Tessália ligada ao monte Pélio, a sudeste, e, a noroeste, dividido pelo vale de Tempe a partir do Olimpo. É considerada uma das mais altas montanhas da Grécia, depois do monte Olimpo. Segundo a mitologia, o Ossa é o local onde os centauros habitam. (SMITH, 1884, p. 584, tradução nossa).

⁶³ Tradução para o pronome demonstrativo *hic*.

⁶⁴ O monte Ródope é uma das mais altas cadeias montanhosas localizadas na Trácia. Sua extensão vai da Bulgária à Grécia. Seu nome vem do mito da metamorfose da rainha Ródope e do rei Hemo, que, por causa da vaidade, se compararam a Juno e Júpiter e, como consequência de tamanha ousadia, os deuses os transformaram em montes, aos quais emprestaram seus nomes. (SMITH, 1884, p. 742, tradução nossa).

⁶⁵ Com a nascente na Cordilheira Cantábrica, é um dos maiores e o principal rio da Espanha que, após formar um delta, deságua no Mar Mediterrâneo. Inicialmente era

70 e cortou as águas unidas, e o Enipeu⁶⁶ erguido orvalha, do topo mais alto da rocha, os ombros gigantescos: a Terra, com vastos campos sem cume, aplanase, dividida entre seus filhos. Um estrondo terrível vai por toda a parte, e o ar separa os espaços da guerra.

75 Primeiro Marte, não lento contra o horroroso exército, impele os cavalos odrísios⁶⁷, com os quais ele costuma perturbar os gelonos⁶⁸ ou os getas⁶⁹: o escudo de ouro arde mais brilhante que o fogo, e a juba nitente eriçou o elmo. Então, agitado,

80 com espada inimiga transpassa o Peloro⁷⁰, na região das coxas por onde

duas cobras enroladas se unem às virilhas do ser monstruoso, e com um golpe destrói três vidas.

Enquanto, saltando ávido, destrói com o carro

os membros lânguidos, e as rodas espalharam uma grande quantidade de sangue,

chamado de rio Ibero por causa dos povos pré-romanos que habitavam as redondezas, os Iberos. (SMITH, 1884, p. 345, tradução nossa).

⁶⁶ Rio na Tessália cuja nascente se localiza no norte do monte Ótris e deságua no Peneu. Refere-se, também, a um deus-rio, ou a Netuno metamorfoseado. Segundo a mitologia, Tiro era apaixonada por Enipeu, e lá ia banhar-se todo os dias. Netuno, apaixonado pela jovem, se transforma no deus-rio e se une a ela, fazendo-a gerar dois filhos: Pélias e Neleu. (SMITH, 1884, p. 280, tradução nossa).

⁶⁷ Adjetivo referente a um povo muito antigo que se originou da união entre várias tribos da Trácia. Os cavalos odrísios estão associados ao deus Marte, pois, mitologicamente, a Trácia seria o seu lugar de origem e para onde ele fugiu após ter seu romance com Vênus revelado por Vulcano. (SMITH, 1884, p. 566, tradução nossa).

⁶⁸ Refere-se tanto à capital da tribo cita, Budini, quanto a um povo da Cítia, anterior aos gregos, que se situavam na costa da Emporia. (SMITH, 1884, p. 323-324, tradução nossa).

⁶⁹ Povo que formava uma das mais populosas tribos da Trácia, a qual habitava próximo ao rio Danúbio, ao sul, sendo permitido que, por causa de sua localização, entrasse em contato com os gregos que estavam estabelecendo colônias nas regiões próximas ao mar Negro. A partir do século V a.C., os getas ficam sob o domínio do reino Odrísio, que estava em ascensão, e passaram a prestar serviços militares aos seus dominadores até a desintegração do reino, que contribuiu para o florescimento de pequenos principados getas. (SMITH, 1884, p. 328, tradução nossa).

⁷⁰ A noroeste da Sicília, é um dos três promontórios que dão a forma triangular à ilha. Não se sabe ao certo de onde veio o nome, mas segundo os romanos, o local foi batizado de Peloro depois que Aníbal matou seu piloto, que tinha o mesmo nome, e o enterrou ali. Lá havia um templo dedicado a Netuno e um farol, de onde, possivelmente, o nome moderno, Cabo de Faro, tenha vindo. (SMITH, 1884, p. 622).

com o lar de Vulcano⁷¹ das ondas espumantes,
e quase a teria lançado se o dardo de Marte não tivesse
antes espalhado o cérebro da boca vazada.

Aquele, morrendo em toda sua parte humana, nas serpentes, na
parte de baixo,

90 ainda vive, feroz, com estridor e com a parte revoltosa,
ataca o vencedor após as fatalidades. A virgem Tritônia⁷²
salta, mostrando o peito com a Górgona⁷³ brilhante;
contente da sua visão, não usa a lança

(na verdade é o suficiente vê-la uma só vez) e de longe

95 transforma em figura de pedra Palante⁷⁴, o primeiro que
se enfurecia.

Ele, a grande distância, imóvel por causa dos súbitos nós, sem ferida
quando se sentiu endurecer por causa do olhar mortal.

(e parara já quase pedra): “Em que estou me transformando?”

Pergunta: “Que pedra serpenteia pelos membros? Que torpor me
ata inerte

100 com peste marmórea?” Ditas essas poucas coisas com custo,
agora todo era o que temeu; e o sevo Damastor
como procurasse um dardo para afastar os inimigos,
atirou o cadáver rijo do irmão em vez de uma montanha.

⁷¹ Deus das forjas, do fogo e do ferro. Filho de Júpiter e Juno, foi jogado do Olimpo pela mãe por ter nascido feio. Esposo de Vênus, por quem era constantemente traído. Vulcano é o deus ligado às tecnologias, e Hefesto é o seu representante grego. (SMITH, 1884, p. 943, tradução nossa).

⁷² Epíteto de Minerva; sua origem é duvidosa. Acredita-se que o nome deriva do lago Tritão, na Líbia, onde dizem que ela nasceu. Outra versão afirma que o nome da deusa vem do fluxo do rio Tritão localizado perto da Alalcomena, na Beócia, local que, além de ser sagrado, teria sido onde ela nasceu. (SMITH, 1884, p. 908, tradução nossa).

⁷³ Criatura mitológica de aspecto assustador, que possuía serpentes no lugar dos cabelos e que transformava qualquer um que a olhasse em pedra. Segundo a mitologia, eram três belas irmãs: Medusa, Esteno e Eriale. Medusa foi amaldiçoada, junto com suas irmãs, por se declarar mais bela que os deuses. Outra versão afirma que Minerva se vingou de Medusa logo após descobrir que Netuno a tinha violado em seu templo. Das irmãs ela era a única mortal. (SMITH, 1884, p. 331, tradução nossa).

⁷⁴ Gigante filho da Terra que foi transformado em pedra por Minerva. Outra configuração do mito relata que a deusa usou a pele de Palante para revestir seu escudo. Sugere-se, ainda, que o epíteto de Minerva, Palas, lhe foi atribuído devido à sua vitória sobre o ele. (SMITH, 1884, p. 596, tradução nossa).

Então, de fato, Equínon⁷⁵ espantou-se com a morte do irmão,
105 enquanto, ignorante, deseja atacar o responsável fazendo mal,
volveu os olhos só a ti, ó deusa, que a ninguém foi permitido
ver duas vezes. A audácia soberba mereceu os castigos,
e conheceu a deusa pela morte. Mas conturbado de ira,
Paleneu, com os olhos vigiando as coisas adversas, furioso
110 avança e estende as mãos escondidas contra Palas⁷⁶.

A deusa o fere, de perto, com a ponta da lança; e ao mesmo tempo,
as cobras

endureceram devido ao gelo da Górgona, e em um único corpo
uma parte morre pela espada, e as outras partes perecem pelo olhar.
Eis que, no entanto, escorregando com os anéis de serpentes para
o meio do mar,

115 Porfirião tenta arrancar a assustada Delos⁷⁷,
isto é, perverso para lançar às abóbadas superiores.
O Egeu⁷⁸ temeu; das cavernas que estagnam, salta para fora

⁷⁵ Gigante que foi também transformado em pedra por Minerva ao olhá-la com o objetivo de vingar a morte do irmão. (SMITH, 1884, p. 275, tradução nossa).

⁷⁶ Outro epíteto da deusa Minerva; tal epíteto costumava vir acompanhado sempre do nome grego da divindade, Atena. Mais tarde, Palas passou a ser empregado separadamente para se referir à representação de Minerva brandindo seu escudo, a Egide. Outra explicação sobre a origem do epíteto está ligada à vitória da deusa sobre o gigante Palante. (SMITH, 1884, p. 596, tradução nossa).

⁷⁷ Ilha localizada no mar Egeu que, na Antiguidade, era dedicada a Febo, pois lá foi o local de seu nascimento. Segundo a mitologia, Delos teria sido criada por Netuno, que se compadeceu de Latona por ela não encontrar abrigo para dar à luz os gêmeos, Febo e Diana, depois que Juno, com ciúmes por Latona ter engravidado de Júpiter, pediu à Terra que não lhe cedesse abrigo. Netuno fez Delos emergir do mar para abrigar Latona, e a Terra não poderia interferir, pois a ilha era flutuante e não pertencia ao seu domínio. (SMITH, 1884, p. 246, tradução nossa).

⁷⁸ Mar localizado entre a Europa e a Ásia, estando, a norte, a Trácia e a Macedônia, a Ásia Menor a leste e, a oeste, a Grécia. Faz parte do mar Mediterrâneo e também é conhecido como Arquipélago. A origem do seu nome é duvidosa; acreditam que vem de Egeia, rainha das amazonas que, ao morrer, o deu ao mar. Outra versão afirma que o nome foi emprestado logo após o rei de Atenas, Egeu, ter se atirado no mar. (SMITH, 1884, p. 15, tradução nossa).

Tétis⁷⁹ com o seu pai idoso⁸⁰, e o palácio venerando pelos servos das profundezas de Netuno ficou deserto.

120 As plácidas ninfas⁸¹ gritam do cume do Cinto⁸²,
as ninfas que ensinaram Febo a

agitar as feras errantes com rudes dardos e construíram o primeiro leito para Latona⁸³, que gemia, no momento em que, gerando as luzes do céu,

enfeitou o orbe com filhos gêmeos⁸⁴.

125 Delos, apavorada, implora a Peão⁸⁵ e seu auxílio roga: “se a ti a gratíssima Latona deu à luz em nossos seios, socorre a suplicante.

Eis que, pela segunda vez, separada violentamente sou trazida”...

Referências

BEJARANO, M. C. *Los símiles en la poesía de Claudiano*. 1993. 418 f. Tese (Doutorado em Filología Latina) – Facultad de Filología, Universidad Complutense de Madrid, 1993.

⁷⁹ Ninfa, ou deusa marinha, filha de Nereu, o antigo deus do mar, portanto uma nereida. Tétis foi criada por Juno e despertou o amor de Júpiter, mas não se envolveu com ele para não se indispor com a rainha. Conta-se, ainda, que o rei dos deuses e Netuno disputaram o amor da nereida, mas um oráculo previu que o filho que um dos dois tivesse com ela o destronaria, por esse motivo os deuses a casaram com um mortal, Peleu, e dessa união nasceu o herói Aquiles. (SMITH, 1884, p. 883, tradução nossa).

⁸⁰ Deus primitivo, cujo tempo de reinado correspondeu até a Titanomaquia, quando Netuno se tornou o novo senhor dos mares. Nereu casou-se com a ocêanide Dóris e com ela teve cinquenta filhas, as nereidas. O deus era conhecido por sua sabedoria e por ser justo. Tinha o dom da metamorfose, o que lhe possibilitou ajudar alguns heróis, e o da profecia. Seu reinado equivale ao Mediterrâneo, mais especificamente o Egeu. (SMITH, 1884, p. 545, tradução nossa).

⁸¹ Nome de um grupo de várias divindades que representam alguma parte da natureza. Elas podem estar ligadas à água, como as ocêanides, nereidas e náíades; às montanhas e cavernas, como as oréades; às florestas e às árvores, como as dríades. (SMITH, 1884, p. 561, tradução nossa).

⁸² Monte localizado na ilha de Delos e que constitui o local de nascimento de Febo e Diana. (SMITH, 1884, p. 236, tradução nossa).

⁸³ Titânide e deusa do anoitecer, filha de Céu e Febe. Foi esposa de Júpiter antes de Juno, e dele concebeu dois filhos gêmeos: Febo e Diana. (SMITH, 1884, p. 426, tradução nossa).

⁸⁴ Em referência a Febo, o Sol, e Diana, a Lua.

⁸⁵ Epíteto de Febo atribuído à manifestação do “Febo que cura”. Inicialmente era usado para referir-se a Esculápio, um deus da medicina e da cura, mas, com o tempo, o epíteto passou a designar Apolo. (SMITH, 1884, p. 590, tradução nossa).

- BUNSON, Matthew. *Encyclopedia of the Roman empire*. New York: Facts on File, 2002.
- CAMERON, Alan. *Claudian. Poetry and propaganda at the court of Honorius*. Oxford, 1970.
- CASON, Francesca. *Claudiano, Gigantomachia (c.m. 53): Introduzione e commento*. 2018. 115 p. Tesi di Laurea (Graduação) - Università Ca' Foscari, Veneza, 2017.
- CESILA, Robson Tadeu. O gênero e o poeta: O gênero epigramático: da inscrição à consagração. In: CESILA, Robson Tadeu. *Metalinguagem nos epigramas de Marcial: tradução e análise*. Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos. 2004. Dissertação (Mestre em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004. p. 392.
- CLAUDIAN. *Poems II*. Tradução de Maurice Platnauer. Massachusetts: Harvard University Press, 1990.
- CLAUDIANO. *Poemas I*. Tradução de Miguel Castillo Bejarano. Madri: Editorial Gredos, 1993.
- CLAUDINO, Robson Rodrigues. *e o Otris e o Ossa repetem: “rainha Tétis” – uma tradução do prefácio do epitalâmio sobre as núpcias de Honório Augusto e Maria (c.m. IX), de Claudiano*. Nuntius Antiquus, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 135–145, 2020. DOI: 10.35699/1983-3636.2020.24629. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/24629. Acesso em: 27 jan. 2021.
- COOMBE, Clare. *Claudian the poet*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2018.
- GONZÁLEZ, A. C. *Notas sobre la imagen del emperador Honorio a través del poeta Claudiano*. In: I CONGRESO INTERNACIONAL DE JÓVENES INVESTIGADORES DEL MUNDO ANTIGUO, 2014. Murcia. Ata. Murcia: Centro de estudios del próximo oriente y La antigüedad tardia, 2017. p. 483-493.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Tradução e estudo por Jaa Torrano. 3ª edição. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.
- KRUMMEN, Eveline; RUSSELL, Donald. *Epithalamium*. In: OXFORD classical dictionary. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: <https://oxfordre>.

com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-2462?rskey=2X4WBJ&result=1. Acesso em: 15 jan. 2021.

ROMAN, Luke.; ROMAN, Monica. *Encyclopedia of Greek and Roman Mythology*. New York: Facts on File, 2010.

SÁ, Michele Eduarda Brasil de; OLIVEIRA, Manuel Rodrigo da Silva. *Os romanos e a morte: uma experiência de tradução de epitáfios em latim*. revista Linguagem, São Carlos, v.28, n.1, jan./jun. 2018, p. 430-444.

SQUIRE, Michael. Ekphrasis. In: EKPHRASIS. [*S. l.: s. n.*], 2015. Disponível em: <https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-2365?rskey=UFPGLT&result=1>. Acesso em: 8 jan. 2021.

SMITH, William. *Classical dictionary of greek and roman biography, mythology and geography*. New York: Harper & Brothers, 1884.

WATSON, Lindsay. Invective. In: OXFORD classical dictionary. [*S. l.: s. n.*], 2015. Disponível em: <https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-3308?rskey=t9H4eQ&result=1>. Acesso em: 19 jan. 2021.

Recebido em: 5 de março de 2021.

Aprovado em: 13 de maio de 2021.